

ECHUS DO IBATÉ

INFORMATIVO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ - SÃO ROQUE - SP

Nº 120- ANO XX - MAIO/JUNHO - 2012



MINHA MÃE, MINHA SAUDADE

Joel Hirenaldo Barbieri*



Além da Virgem Maria, maio vem marcado pela figura de uma mulher muito especial: a mãe.

O segundo domingo de maio é reservado para lembrarmos aquela que nos traz ao mundo, nos dá a vida e nos ensina os segredos do viver.

Isto significa que, nesse dia, todos os pensamentos e todas as atenções estarão voltados para aquela que, em todos os tempos e por todos os motivos, tem sido considerada a Rainha do Lar, porque a ela o amor infinito de Deus outorgou a mais sublime das graças, o mais excelso dos privilégios: ser mãe. O espetáculo que todos vêem, mas bem poucos estimam devidamente, ou porque não sabem ou porque nunca pensaram. É o espetáculo da criatura humana que num ato de heroísmo faz de sua vida e de seu corpo templo de outras vidas e de outros corpos.

Dar a vida implica em fazer esta vida crescer e atingir sua plenitude no amor de Deus e na conseqüente realização total da pessoa humana. Em cada gesto de mãe podemos descobrir um reflexo da ação do próprio Deus. Porque ser mãe é a mais bela invenção do Criador. É ser nosso amor, nossa estrela, nosso sol, nossa vida.

Num dia de maio que já se faz distante, a manhã se levantou no azul, vibrante e pura. O sol acariciou docemente a relva suada pelo orvalho da noite. Nos bosques virentes, cobertos de flores, alegres passarinhos preparavam seus ninhos. Toda a natureza estava em festa, cantando o canto da ternura e da beleza. Mas a minha alma estava triste, porque naquela madrugada de outono, minha mãe querida partira para a eternidade.

Maio, minha mãe, minha saudade. Ainda existe um amanhecer a fazer dias, a passar anos. Haverá sempre um amanhecer para quem tem uma mãe a reverenciar!

E se para o coração não há distância, sinto minha mãe perto de mim e posso repetir os mesmos versos que outrora lhe ofertei num dia das mães de minha vida!

Razão do meu ser, minha mãe extremosa,
Com versos e flores te venho saudar./ meu peito se inflama de amor e carinho./ Já tudo o que tenho te quero ofertar./ Na escharpa da vida, tu és minha força,/ Das horas incertas, vibrante fanal./ Teu franco sorriso, teus olhos maternos,/ Me fazem ileso de tudo o que é mal./ Se um dia encontrar-me na vida perdido,/ Sem rumo, sem lar, sem amores, sem pão,/ Em ti buscarei um arrimo seguro,/ Mãezinha querida do meu coração.

Ditosas, pois, todas que são mães, porque depositárias das graças do céu, pela grandiosidade de sua tarefa. A elas a nossa homenagem sincera traduzida num belo poema que alguém escreveu:

“Mãe!.../ Palavra sublime/ Uma flor que exprime/ O amor./

Mãe!... Um ser que mistura/ Alegria e amargura/ Na mesa do parto,/ Na caminhada dolorosa./ E por mais que sofra,/ Sofre cantando a dor,/ Desafiando a morte,/ Enquanto for preciso chorar/ Pelo filho doente./

Mãe!... Mulher que se consome,/ Que se mata,/ Que se retrata na flor, / Perdendo pétala por pétala,/ Para ver o fruto crescer./

Mãe!...Inspirada por Maria,/ Com quem conversa/ Na noite fria,/ Enquanto espera/ Na Santa Companhia./

Mãe!... Mulher cansada,/ Que chora desesperada/Quando o seu filho,/ Adolescente,/ Se julga onipotente/ E no direito de esquecê-la./

Mãe!... Uma flor que murcha? E cai.../ Que perde a fragrância,/ Mas não perde o amor.

(*) Joel Hirenaldo Barbieri, 74 (51/58) - Licenciado em Letras e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Aposentado no cargo de Diretor da Câmara Municipal de Taubaté. Escritor e Poeta. Membro da Academia Taubateana de Letras. Joel.hirenaldo@terra.com.br



Letterio Santoro*

A cada bimestre recebo com alegria o ECHUS DO IBATÉ, informativo dos ex-alunos do Seminário do Ibaté - São Roque - SP. A Equipe Responsável nos consultou recentemente se preferíamos receber a edição impressa ou apenas a eletrônica. Para quem, como eu, gosta de colecionar, já se imagina minha preferência. Assim, sou um dos da Turma do Ibaté a receber gratuitamente um dos 1.000 exemplares da tiragem. A desculpa da escolha foi meu interesse em um dia encadernar toda a série iniciada em 1993 e que está, em março/abril de 2012, no nº 119.

Graças à gentileza do companheiro Wilson Mosca, coordenador da Equipe, obtive os primeiros números faltantes, e tenho hoje, com orgulho o digo, todos os cento e dezenove números da coleção. Desde os três primeiros de 1993, preocupados mais com a organização do histórico Encontro de 11.12.1993, além do cadastramento dos mil e tantos ex-seminaristas que passaram pelo colégio entre 1949 e 1973. Sem nenhum artigo assinado, mas já com os nomes dos ousados pioneiros que tiveram a idéia de se reunir em 04.04.1992 “na velha Igreja da Consolação...para o planejamento geral”. No segundo número já aparece a foto do Seminário que posteriormente, a partir de dezembro de 1994, se transformará no timbre ou logotipo desse tão esperado e sempre devorado Boletim dos ex-alunos.

O nº 4, de março de 1994, contava de todas as emoções experimentadas pelos participantes do inesquecível I Encontro, quando do retorno de muitos, e também de seus familiares, à casa antiga. A partir do nº 5 (junho de 1994), embora sem periodicidade definida, o Informativo (era esse então o seu nome) publica artigos assinados, a mostrar a amizade fraterna que, de lá até os dias de hoje, invade as páginas do que depois viria a se chamar, em maio de 1997, o ECHUS DO IBATÉ, durante algum tempo, mensal e, depois, definitivamente bimestral (nº 33, de julho/agosto de 1999).

Ao longo de todos esses anos, desde dezembro de 1994, esporadicamente embora, tenho colaborado com poemas e crônicas para o nosso ECHUS, como já fazia, na minha adolescência (55/59) com os primeiros escritos publicados no velho jornalzinho Ecos da Tribuna, rodado no estênisil pelo sumido Franco Maziero. Hoje o informativo ECHUS DO IBATÉ se tornou para nós uma verdadeira enciclopédia ao tratar de todo tipo de assunto. Desde os mais delicados, como o Tributo ao Padre Constantino, primoroso artigo do Furlaneto no nº 39, dando uma

palavra definitiva sobre o nosso estimado Mons. Constantino, até os polêmicos artigos de Otto Dana, José Wolf, e outros. ECHUS vive uma fase de maturidade, pois se tornou pluralista, um espaço de debate. Nas suas páginas temos espiritualidade, humor, aventuras, esporte, lembranças, mensagens, trovas, fantasia, relatos, comemorações, enfim textos de diversos companheiros sobre a vida.

Explica-se essa variedade atual pela experiência comum havida nos idos da adolescência por tantos e tantos rapazes, chamados por algum tempo ao Sacerdócio, e que, com exceção de alguns que chegaram a Sacerdotes, e poucos até a Bispos, partiram depois para o mundo, cada qual num campo de atuação, com maior ou menor sucesso, a fim de colocar em prática os Valores Eternos aprendidos, sob a vigilância austera do monte Saboó, no Seminário do Ibaté, entre 1949 e 1973, e comemorados a cada biênio nos Encontros da Turma do Ibaté: valores da AMIZADE, da VIDA, dos VALORES HUMANOS, da GRATIDÃO, da ESPERANÇA, da ALEGRIA, da CONFIANÇA, da PAZ, da UNIÃO... À luz desses valores eternos, aprendidos em meados de século XX, os articulistas vão analisando o mundo do terceiro milênio. Não permanecemos no saudosismo inútil de um passado morto, mas, convencidos da importância desses valores, conseguimos viver com tranquilidade no mundo enlouquecido pelo Prazer, pelo Poder, pelo Dinheiro, os novos (e costumeiros) deuses do ser humano que perdeu o sentido da vida.

“Nosso grupo é uma bênção” - proclama com razão, no nº 119, o acadêmico Alfredo Barbieri, ao comemorar seus ricos 80 anos. E, por ser o grupo uma bênção, é uma bênção também o nosso ECHUS DO IBATÉ, para o qual contribuem, com suas colaborações escritas, tantos e tantos companheiros de cinquenta a oitenta e mais anos, ricos em experiência e em sabedoria. E o ECHUS provoca correspondência entre os velhos companheiros, e nos avisa dos que partiram para a Casa do Pai, o eterno Ibaté onde finalmente viveremos um dia todos juntos, livres e felizes para sempre.

Por tudo isso, pretendo, como disse no início, encadernar os números todos do informativo ECHUS DO IBATÉ, para ter sempre à mão a irreverência, a loucura, a graça, as surpresas, a convivência de homens tão diferentes, todos iguais, porém, no respeito ao ser humano, como nos mandou nosso Senhor Jesus Cristo.

(*) Letterio Santoro, 72 (55/59) Membro da APEG Associação de Poetas e Escritores de Garça. Autor, entre outros, da série de livros de poemas LIÇÕES DAS CEREJEIRAS. letterios@hotmail.com



Amigos do Ibaté,

Paulo Oliveira Leite Gonçalves*

Pelos idos de 1953, adolescente, compus um poema ao Seminário. Padre Constantino, Diretor do Grêmio Literário Pio XII, sugeriu-me que o apresentasse para concorrer a uma Cátedra do Grêmio. Confesso que fiquei timidamente surpreso e não tive a coragem para enfrentar o inesperado novo. Durante os festejos das Bodas de Ouro Sacerdotais do Pe. Aurélio Vieira de Moraes, meu colega de turma, nos quais estive presente, Pe. Aurélio com insistência pediu-me que publicasse o texto do poema em nosso “Echus do Ibaté”. Embora relutante prometi-lhe que o faria, claro, com alguns retoques. Ei-lo :

Ibaté Meu Éden

Levado por saudades que me pedem
Eu quis rever o meu pequeno Éden
Perdido, vejam só!
Explico: lá se ia bem à pé
De um lado estava o morro do Ibaté
Do outro, o Saboó.

Lá não havia árvore da vida
Ninguém comeu da fruta proibida
Eis porém o que ouço
Do refeitório, salas, corredores
Nem mais jardim e muito menos flores
Só resta o arcaçouço.

Eu me recolho dentro em mim sozinho
Olhos perdidos, um copo de vinho
Retorno ao Changrilá.
Enxugo os olhos não deixo que o choro
Empane a luz dos bons tempos de ouro
Vividos acolá.

De manhã cedo já rompendo o dia
A voz de um anjo com prazer se ouvia
Chamando a despertar.
Era um som ledado, som mui leve e fino
Era uma voz dizendo pelo sino
São horas de rezar.

E a luz do dia inunda o Seminário
Policromando com seu tom bem vário
A casa do Senhor.
E uma alegria tão feliz e santa
Lá reina desde quando o sol levanta
Até que se vai por.

No Santuário, na linda Capela
Naquele altar, a imagem muito bela

Rainha deste lar
Onde florescem sob seu lindo manto
Novos rebentos que hão de ser no entanto
Ministros para o Altar.

Nos corredores sempre iluminados
Passavam tantos moços concentrados
No seu próprio amanhã
De construir na terra um mundo novo
Levando a luz do Evangelho ao povo
Seguindo a fé Cristã.

Cine, teatro, cantos e recreios
Nas quintas-feiras aqueles passeios
Ar mais novo no peito!
Era preciso cuidar da saúde
No mesmo tanto, crescer na virtude
Buscando ser perfeito

E aqueles mestres, que grandes pessoas!
É muito pouco dizer que eram boas
Ou mesmo competentes.
Doar a própria vida assim de graça
É coisa própria de gente de raça
Pois eram excelentes.

E quanta coisa a ser dita ainda
Daquela saga feliz, tão linda
Vivida em meu São Roque!
Lá não havia festa bizantina
Havia estudo, prece e disciplina
Mas sem perder o enfoque

Por fim eu digo o meu segredo oculto
Se do meu éden só restou o vulto
Não é só minha a voz
Um corpo morto é matéria esquiva
Porém tua alma permanece viva
Em cada um de nós!

(*) Paulo Oliveira Leite Gonçalves, 75 (49/54) é licenciado em Filosofia, Teologia. Bacharel em Direito, Doutor em História Antiga/USP. Tradutor Público no Estado de Goiás de Francês e Italiano. Professor aposentado da Universidade Federal de Goiás oliveiratradutor@gmail.com



José Wolf*

Mais uma vez, no último 10 de março, aceitando ao gentil cAproveitando este espaço editorial de nosso ecumênico Echus, sob o comando do timoneiro Mosca e equipe (Cosso, Atílio, Toschi e José Justo), que por sinal completará em dezembro 19 anos de existência, relato aos colegas do Ibaté um fato que me valeu como epifania. Uma revelação. Ou seja: Inacreditável. Em plena Cracolândia, na rua Guaianazes, no Centro de São Paulo, uma comissão de muçulmanos africanos acaba de instalar num antigo prédio uma mesquita.

Vindos de Marrocos e adjacências, os enigmáticos vizinhos, com suas túnicas brancas ou cinzas, lembram os tempos de seminarista, quando trajávamos, com orgulho, a emblemática batina substituída, pelo Concílio, pelo executivo clergyman. Com passos cadenciados, cruzam a rua, em meio a moradores de rua, nóias e catadores de papelão, a exemplo de nossos passos pelos extensos corredores do Seminário do Ibaté.

Da janela da kitnete onde vivo, ouço seus cantos em tom aguerrido, em contraste à leveza do canto gregoriano dos monges do Mosteiro de São Bento, próximo daqui. Tudo isso me traz à memória os cânticos do Seminário, quando fazíamos nossas preces coletivas e seguíamos à risca a rígida disciplina, com hora certa para dormir, levantar e orar, sob o comando do Pe. Constantino.

Certo dia, um desses muçulmanos chamado Said me ofertou um exemplar, em português (com tradução de Samir El Hayek), do Alcorão, o livro sagrado do Islã. Confesso minha emoção, a ponto de lhe pedir uma dedicatória. Gentilmente, me atendeu.

O insólito presente me abriu, enfim, uma nova janela de conhecimento, despertando-me a curiosidade, em nome da diversidade cultural e religiosa, para conhecer melhor o Islamismo e, inclusive, Marrocos, o distante país situado ao Noroeste da África, cuja história foi tecida por antigos navegantes fenícios, bizantinos e árabes, além de xeiques, sultões, profetas, reis, beduínos etc., e cujo território abriga o vasto deserto do Saara.

Sobre o Islamismo, confesso minha total ignorância. A propósito, contudo, vale registrar a entrevista publicada pela revista IstoÉ (número 2210) com o sociólogo norte-americano, de origem



espanhola, José Casanova, na qual chama a atenção para “o processo de globalização do Islã”, frente à crise da religião e à falta de sacerdotes na Europa (a exemplificar o caso de nosso caro dom José Maria Pinheiro que atua, agora, numa paróquia da França, conforme nos revelou matéria publicada no Echus 115).

Ao comentar o episódio para o nosso caro Walter Barelli, ex-ministro ético do Trabalho, no fantástico jantar da sexta-feira 13 de abril, quando foi homenageado nosso amigo Alfredo Barbieri pelos seus 80 anos, com humor e tolerância, me sugeriu: - Alcorão, oi Wolf, decore-o, mas não o destrua!

Para concluir, em nome de Deus, Dieu, God, Allah ou Jeová, um desejo: oxalá a tolerância e o respeito às diversidades vençam os preconceitos, as discriminações raciais, sexuais e culturais e as restrições aos direitos de ser e pensar diferente. A exemplo das mulheres árabes, responsáveis pela chamada “primavera árabe” lutando contra o machismo social ou doutrinário. Salamaleque (do árabe as-saham´alaik): Ou seja “a paz seja contigo”! E conosco. Amém.

Atenção! Caro colega ibaetano, um convite: visite os blogs www.arqpb.blogspot.com.br e www.betanasampaio.wordpress.com, onde você encontrará meus textos que poderão ser enriquecidos por sua bem-vinda opinião.

(* José Wolf, 74 (51/58) Jornalista profissional, trabalhou no “Jornal do Brasil”, “O Estado de S.Paulo” e na “Folha de S.Paulo”. Atualmente é coeditor do Boletim do IAB-Instituto de Arquitetos de São Paulo.



Antonio Jurandyr Amadi*

No silêncio de nossos retiros, quantos questionamentos sem resposta sobre tantos colegas que, depois de partilharem conosco histórias e sonhos, frequentam agora, tão somente, a solidão de nossas saudades: POR ONDE ANDARÃO?

Premia-nos o acaso aleatoriamente com respostas, alegres algumas, tristes outras, onde o fatal determinismo do tempo não tem volta, a não ser nos devaneios da memória ou da fantasia e na esperança de que se concretizem um dia.

O ECHUS, desde seu primórdios, no afã de recompor o quadro de ex-alunos, devolveu-nos, através da garimpagem dedicada de voluntários, um sem número de colegas escondidos por esse mundão de meu Deus. Cada reencontro, “Deo gratias”, é como um capítulo perdido que recompõe o todo de nossa história comum; é sempre boa nova portadora de festivas alvíssaras.

Eis-me assim, no último ECHUS, de frente com mais um amigo que volve ao convívio do Ibaté, por obra e graça do “venerável” Attilio Brunacci. Seja bem vindo, JOSÉ ELVERTH FERREIRA, ou, para seus contemporâneos de Seminário, seja bem vindo, BELDROEGA.

Os que sempre moraram em cidade grande ou aqueles pouco afeitos às coisas da roça podem estranhar o apelido, nome de planta rasteira de propriedades comestíveis e medicinais. A primeira aula de botânica culinária e fitoterápica a respeito deu-a o José Elverth Ferreira, num dos bucólicos passeios de quinta-feira pelas cercanias do Ibaté. O “cavaco” (lectio brevis) custou-lhe sacramentalmente o apelido.

Claro que grafei correto BELDROEGA, embora na época, a bem da verdade, disséssemos acaipiradamente BERDOEGA e o arquivo do ECHUS registra BARDOEGA. Seja qual for a grafia pela qual se opte, estamos felizes pelo encontro com mais um companheiro de caminhada.

Foi gratificante revê-lo nas fotos do ECHUS, bem fornido numa de incontáveis “loiras” e na outra

ensinando aritmética enganosamente ao atencioso e crédulo Zezinho, aluno de persistente e cativa presença nas aulas de física e química do saudoso Pe.Kulay.

Traz-nos também o BELDROEGA à lembrança as revoadas de IÇÁ (tanajura) com que ele -para espanto nosso- se refestelava, até que Pe.Constantino, incomodado, pusesse fim à brincadeira.

Desconhecia o helvético e sanguíneo Pe.Ministro -e nós também- que comer içá era e é um hábito corriqueiro por esses Brasis afora, sendo iguaria apreciada por muitos e de assunto em programas televisivos.

Uma dúvida persiste porém em minha lembrança com relação ao BELDROEGA: logo após sua admissão em São Roque, recebemos a visita do bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, se a memória não me trai. Sua Excia. brindou-nos com a exibição de “slides” maravilhosos da paradisíaca Ilha do Bananal, de sua exuberante natureza, do caudaloso Rio Araguaia com seus pirarucus em remansos à sombra da frondosa galharia ribeirinha, dos índios e índias (carajás, javaés e ava-canoeiros) “em pêlo”, ostentando sem constrangimento suas vergonhas, para desconforto de alguns pudicos (?) e assexuados padres-mestres.

Sempre guardei comigo -não sei porque- ser esse tal bispo de terras goianas o patrono ou responsável pela presença do BELDROEGA em São Roque. Verdade ou mentira?

Saúde e vida longa ao amigo JOSÉ ELVERTH FERREIRA.



(*) Antonio Jurandyr Amadi, 76 (51/57), também ex-aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é engenheiro, pesquisador, escritor, poeta e tradutor de grego e de latim. jurandyr_amadi@hotmail.com



© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

O CRIME DO VAQUEIRO



Nazareth dos Reis*

O conto abaixo foi escrito por GARIBALDI, pseudônimo de Nazareth dos Reis e foi primeiro colocado, juntamente com o conto ARARA VERMELHA escrito por Paulo Acácio Martins (57/59), no concurso do Grêmio Literário Pio XII, e foi resgatado e digitado pelo colega José Moreira de Souza (55/59), lá das Minas Gerais.



Pelos sertões de São Paulo, seguindo as sinuosas barrancas do rio Tietê, enfileiram-se cruzeiros, marcos amontoados de pedras erguidos nas capoeiras, mudas testemunhas de dolorosos dramas, ocultos nos segredos do passado. Muitos fatos, porém, a tradição ainda conserva até hoje, embora envoltos de lendas multicores e de mistérios impressionantes. Contava um negro velho, outrora escravo na fazenda do João Prado, a história triste do crime do vaqueiro. Ele sempre a repetia, rica de pormenores, nas noites de fogueira e o pessoal da colônia escutava atento, silencioso e constringido.

- O crime do vaqueiro? Oh! Triste fato foi aquele. Eu era inda criança, mas lembro-me perfeitamente. Na fazenda do "Sinhô", homem bom e generoso - "Deus o tenha na sua glória" - lá tudo era riqueza e fartura: engenho, muitos escravos, boiada numerosa, cavalos fogosos e destros peões e vaqueiros...muitos vaqueiros.

Ali na sede, todo dia o Bertolino chegava de madrugada, assobiando ou a cantarolar versos que ele mesmo inventava. De preferência era aquela toada popular:

**"Vou-me embora quando amanhecer
Já arriei meu cavalo alazão;
Vou partir sem ninguém perceber.
Outras terras distantes vou ver...
Vou deixar este velho rincão" ¹**

E assim todas as manhãs. Quando o lugarejo acordava, o Bertolino já tinha feito bom trabalho. Ele era rapaz novo, tinha seus vinte e dois ou vinte e três anos, forte e robusto, de média estatura. Os olhos negros, vivos e agudos, enfeitavam-lhe o semblante varonil e alegre.

Usava um chapéu de couro com barbicacho comprido e aba larga. Era o vaqueiro dos vaqueiros, o mestre dos peões.

Estreita amizade o ligava a José Lino, caboclo magro, quase esquelético, os ossos ressaltando de sob a pele tostada. Gostava o José Lino de ruminar consigo idéias e por isso, sempre de poucas palavras, aspecto severo, tinha um quê de bandido - impressão ainda mais acentuada pelo longo facão que lhe pendia da cintura. No entanto, era homem bom, amável e educado.

Os dois sempre juntos vagavam pelas invernadas tocando criações. Nas noites de festa de São João, Santo Antônio, São Pedro, lá estavam eles alegrando o povo e animando a dança. A gente da fazenda, "seu" João Prado, a patroa e a filha também, todos estimavam consideravelmente os dois amigos, que com o Almeida, filho do fazendeiro, formavam um trio unido pela amizade sincera e pela íntima convivência.

Um dia disseram ao Bertolino:

- Você já ouviu falar de um assombração assustando o pessoal ali na tapera da volta grande?

- Qual nada, isso tudo é "conversa mole"; só eu vendo para acreditar.

- Pois olha, Bertolo, dizem que é mesmo; ali há uns dez anos atrás o velho Narciso bebeu veneno e olha, babau!

- Mas quem morreu, morreu, ora essa!

- Sei lá eu, o certo é que andam ouvindo por aí uns berros de bode louco e a coisa não é brincadeira. O povo está assustado... O caso é sério!

E assim todos discutiam o estranho fato. E, como sempre, não faltaram incrédulos e curiosos.

Dali a quatro dias repetiu-se o mesmo caso, e toda gente dava notícias aumentadas pela imaginação supersticiosa. Com horror comentavam os berros lancinantes a cortarem o silêncio, ecoando depois nas quebradas das montanhas como gritos espavoridos de mil demônios chicoteados.

O Juvenal quis mostrar-se valentão e corajoso arriscando ver o fantasma. Quando chegou bem perto puxou a binga. Negra escuridão cerrava tudo numa cortina de mistério. Dentro, unhas infernais arranhavam as paredes; estalidos metálicos, choques contra os esteios da casa; urros e mugidos transformando-se aos poucos em desesperados uivos e lamentos dantescos. Juvenal hesitou um instante. Mas, voltar seria vergonhoso. Riscou o fuzil e a luminosidade da chama clareou o recinto. Os olhos esbugalhados deram de chofre com um negro vulto gigantesco

avançando para ele, agressiva e ameaçadoramente. Juvenal pareceu distinguir dois monstruosos olhos, chispando de fogo, ódio e desespero. A coragem o abandonou e o pavor atirou-o horrorizado, endoidecido numa alucinante carreira pela escuridão da estrada.

A angústia invadiu a fazenda.

O Bertolino, farto da história, convidou o José.

- Vamos lá dar cabo do bicho? A gente leva uma boa carga; e se ele investir mete fogo! Ta?

- Você está doido, Bertolo? Não viu o que aconteceu ao Juvenal? Agora você também quer cair na mesma esparrela?

- Juvenal?!... Juvenal é um palerma; só tem “papo” e nada mais! Se você não quiser ir, eu vou sozinho. É preciso acabar com isso! Será possível? Neste sertão não há homem?! A próxima vez que o bicho rosar, vou desafiá-lo, e oxalá seja hoje mesmo!

A noite chegou... onze horas... lamentos, urros, rugidos...

O vaqueiro armou-se de uma pistola e saiu.

A lua cheia quase a pino, risonha e indiferente acariciava com luz macia as matas, os casebres, os animais dormentes. Nessa claridade repousante, a passos firmes e destemidos, ia caminhado Bertolino para o rancho assombrado. A tapera estava já velha; desmoronara-se uma parede, o teto de sapé em frangalhos pendia na iminência de cair e, no seu interior, cresciam livres ervas daninhas.

O corajoso homem, de arma em punho, chega ao limiar da entrada. O monstro, roncando como lobisomem, precipita-se sobre ele. Rápido, Bertolino faz fogo. O vulto negro tenta um gemido triste que lhe afoga na garganta, apóia na parede, curva-se...escorrega e tomba ao solo. Um gélido calafrio de medo perpassa pelo corpo do vaqueiro, e ele foge apavorado. Parece que o fantasma vem-lhe ao encalço; corre, corre, até chegar ao galpão. Entra esbaforido e, chamando a todos aos gritos, contando ofegante e impressionado:

- Matei o monstro! Aquele nunca mais fará mal a ninguém. Nunca mais, ouviram? Nunca mais!...

Choveram sem número as perguntas curiosas. Multiplicaram-se os comentários até que o cansaço os dobrou, e aos poucos foram morrendo as vozes, e o galpão mergulhou num sono gostoso e reconfortante.

Lá fora, silêncio. A lua solitária corria medrosa daqui para acolá, escondendo-se atrás das nuvens que também fugiam assustadas. As folhagens de sarças, embaladas pela brisa, em cochichos, brincavam de balouçar naquela noite calma e serena, cheia porém, de tétricos presságios.

No dia seguinte, uma grande comitiva dirigiu-se logo cedo para o local do conflito. Entraram na choupana. Estendido no chão, jazia um corpo inerte, totalmente envolvido numa ampla e negra capa.

O João Campeiro, temeroso, ergueu devagar o pano

(*) Nazareth dos Reis, 75 (57/59) Licenciatura em Letras, Filosofia e História. Mestrado em História pela PUC-SP. Professor aposentado pela UFMS. Ministro extraordinário da Comunhão. Curso de Casais. nazarethreis@hotmail.com

'Adaptada da canção popular “Paulistinha”.

preto... mais resolutivo, arrancou a máscara do desconhecido.

Horror!! Surpresa!! Uma onda de susto sacudiu os presentes. Bertolino, gemendo, caiu de joelhos abraçando o corpo sem vida do Almeida, o filho do patrão! O grande amigo a quem tanto estimava, pois fora para ele o irmão mais velho, o mestre na arte de cavalgar e nas lida com as criações. Agora morto por uma bala pérfida por causa de uma brincadeira de mau gosto! E quem era o culpado? Quem o autor do crime? Quem o causador da desgraça? Quem?...

Os gemidos morriam-lhe na garganta; não conseguiu falar, nem era capaz de lágrimas... E oxalá tivesse chorado o dia inteiro, a semana toda, porque teria então desabafado a dor martirizante!

Era já mais de meia noite... Há oito horas que Almeida estava na sepultura.

Bertolino, assentado na rede com os cotovelos apoiados sobre os joelhos, segurava o rosto entre as mãos. O pobre homem parecia alucinado; perdera a noção de tudo e de todos. A friagem da noite, não a sentia... Pobre coitado! A fatalidade, a ruína, a desgraça marcariam o ponto final daquele miserável destino. Inutilmente os amigos tentaram arrancá-lo da obsessão. O José Lino passava horas inteiras calado, triste e aborrecido perto do companheiro.

Muitos sóis passaram. O vaqueiro emagrecia. As faces pálidas e macilentas, os olhos fundos e encovados davam-lhe o aspecto triste de cadáver perambulante. Aquela vida embaçada não podia durar muito tempo.

Era junho, manhã fria quando deram falta do Bertolo. Após longo tempo de procura, encontraram-no morto, debruçado sobre a tumba do saudoso amigo.

Naquele cemitério embrenhado na mata sombria, onde, irreverentes brincavam os macacos e passeavam as aves, levantaram-se dois túmulos escuros. As noites claras e belas mudaram-se em trevosas, e um vazio inundou o seio virgem das matas acabrunhadas. Aves noturnas, fúnebres, voavam sem direção nem rumo por entre as ramagens e galhadas frondosas.

Até a lua, ferida pela mágoa e pela dor, regava de lágrimas as folhinhas tênues dos ciprestes dobrados sobre as cruces abandonadas na solidão do cemitério. As duas cruces de peroba-rosa, ali plantadas, eram o testemunho de duas vidas desfeitas na terra para descansarem juntas no além-túmulo.

O José Lino, um dia pela madrugada, arreou seu matungo e... a porteira velha do caminho bateu no mourão...Bateu uma vez só, mas bateu muito triste! Lá se foi o Lino; para onde? Ninguém o soube. Nunca mais se teve notícia dele. Todos sentiram a perda dos vaqueiros e de Almeida.

Na fazenda vieram morar o acabrunhamento e o tédio. Nunca mais se repetiram aquelas festas animadas, aqueles serões prolongados nas noites de inverno... Nunca mais! E o sertão ao redor ficou triste, tão triste como se a morte passasse por ele.

PÁSCOA

Já bem distante o Salmo assim entoa
No rosto escarros, tapas, zombaria
Na frente espinhos trançando a coroa
No dorso nu açoites: Profecia!

Eis que a injustiça se reveste em Toga
Unindo a todos num infame grito:
Império, Povo, Templo e Sinagoga
“A morte ao falso rei, é o veredito!”

Mas ao terceiro dia eis a vitória
Sobre a injustiça, a morte e os pecados.
Vitorioso está no céu, na Glória
E ali também nos quer ressuscitados!

Feliz Páscoa, hoje!
Feliz Ressurreição, amanhã!

Paulo Oliveira Leite Gonçalves (49/54)

NA PRAIA

Verdes águas do mar, belas paragens,
Branças praias de amor, vagas sem par!
Eu tanto desejei estas paisagens,
Que a vista não se cansa de apreciar.

Horas tantas passei a só mirando
Este mundo de luz e de poesia.
A minha alma feliz já divagando,
Suspirava de paz e de alegria.

Enquanto a meditar, na areia fina,
Ondas vinham beijar-me de mansinho,
Na doçura gentil de uma menina.

E súbito rompeu por entre as brumas
A gaivota do mar, num burburinho,
Banhando-se nas límpidas espumas...

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)



(*) Euclides Albino dos Santos, 74 (53/58), é poeta, escritor e professor de Língua Portuguesa em Rancharia-SP. euclidesalbino@gmail.com

UM AMIGO CIRINEU

Num furacão imerso de tormento,
de angústias em noites mal dormidas,
em vão ocultas no rosto o sofrimento
e os borbotões de lágrimas doridas.

Recusas, na aflição, buscar alento.
Perpetuas, no silêncio, tuas feridas
e, temendo, fazê-las conhecidas,
as eliminas até do pensamento.

No calor do aconchego solidário,
serena o coração! Procura abrigo!
Não curtas desventuras solitário!

Sempre alguém quererá levar contigo
a dolorosa cruz de teu calvário.
Deixa-me ser, por Deus!, um ombro amigo!
Antonio Jurandyr Amadi

(Dedicada a um amigo piraporano que sofria de uma doença degenerativa hereditária, que o levou à morte e a outros familiares dele. 16.01.2012)

ESTRADAS

As estradas, ruas e praças levam ao infinito
Se abrem em leques que abraçam todos os destinos e
Ainda sobra a felicidade

De panoramas amplos, vitrinas ornamentadas
Onde os olhos descansam em novidades

De trajetos arquitetados, queridos, alcançados para
O sorriso do encontro, o aperto de mão, o enlace das
amizades

Que une o desejo do sangue e dos corações.
Dos passeios a pé, a troca de cumprimentos,
O descanso merecido no final da tarde.
Há entaves na caminhada.

Armadilhas espreitam os incautos.
Buracos se abrem silenciosos, bocas a espera
Para engolir os que passam descuidados.

Tragédias acontecem no trajeto
Por falta de senso, por falta de atenção,
Por pressa de chegar antes do tempo determinado.
Mas, aos que andam apalpando sonhos e
perscrutando destinos,

Aos que buscam metas e se empenham na caminhada
Há horizontes amplos, deleites das
madrugadas,

Festas para comemorar o êxito da chegada.

O JANTAR DA PRIMEIRA SEXTA-FEIRA

*"Faça uma lista de grandes amigos, quem você mais via há 50, 60 anos atrás...
Quantos você ainda vê todo dia? Quantos você já não encontra mais?"*

Oswaldo Montenegro

Voltamos a convidar nossos amigos a participarem do tradicional jantar da 1ª sexta-feira do mês, atualmente realizado no *Restaurante Terraço Paulista*, Rua São Carlos do Pinhal, 200, esquina com Alameda Joaquim Eugênio de Lima, em São Paulo-SP a partir das 19h30min. Para quem vai de metrô, fica a 200 metros da Estação Brigadeiro.

No encontro realizado em 13 de abril, celebramos os 80 anos do nosso querido amigo **ALFREDO BARBIERI (49/53)**. Contamos com a presença de inúmeros colegas que foram dar um abraço de parabéns. Destacamos a presença de: **Francisco Fierro, Attilio Brunacci, Antonio Orzari, Lourenço Medeiros (Perereca), Joel Barbieri, Paulo Oliveira Leite Gonçalves**, que se deslocou lá de Goiânia, **Gilberto Gomes, José Wolf, Carlos Cosso, Isaias Dantas, Antonio Paulo Carvalho, Antonio Simões Cucio, Isidoro da Silva Leite, Joaquim Barbosa de Oliveira, Wilson Cruz, Clovis Baroni, Walter Barelli e Wilson Mosca.**

Mas a noite só atingiu mesmo seu maior grau de alegria e confraternização devido à expressiva presença feminina: esposas e companheiras, todas amigas entre si e que efetivamente fazem parte da Turma do Ibaté, em verdadeira assembléia. Destaque para **Alessandra Barbieri**, filha do aniversariante, que nos presenteou com um delicioso bolo.

Antes de se cantar os Parabéns, o **Fierro** declamou o texto abaixo, de Fernando Pessoa:

*"Sonhe com as estrelas, apenas sonhe, elas só podem brilhar no céu.
Não tente deter o vento, ele precisa correr por toda parte, ele tem
pressa de chegar, sabe-se lá onde.*

*As lágrimas? Não as seque, elas precisam correr na minha, na sua,
em todas as faces.*

*O sorriso! Esse, você deve segurar, não o deixe ir embora, agarre-o!
Persiga um sonho, mas, não o deixe viver sozinho.*

*Alimente a sua alma com amor, cure as suas feridas com carinho.
Descubra-se todos os dias, deixe-se levar pelas vontades, mas, não
enlouqueça por elas.*

Abasteça seu coração de fé, não a perca nunca.

*Alague seu coração de esperanças, mas, não deixe que ele se afogue
nelas.*

Se achar que precisa voltar, volte!

Se perceber que precisa seguir, siga!

Se estiver tudo errado, comece novamente.

Se estiver tudo certo, continue.

Se sentir saudades, mate-as.

Se perder um amor, não se perca!

Se o achar, segure-o!

Circunda-se de rosas, ama, bebe e cala. O mais é nada".



Nas fotos reproduzimos
Alfredo e sua filha Alessandra
e uma panorâmica de colegas presentes.

NA CASA DO PAI

·Faleceu no dia 26 de março último, aos 75 anos de idade, nosso colega **ROQUE KOMATSU (50/55)**. Ele nasceu em Terra Roxa, interior de São Paulo e formou-se em Direito pela Faculdade de Direito da USP em 1963. Fez mestrado e doutorado na Universidade de São Paulo-USP. De 1985 a 1991 foi Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo. É autor de diversos livros na área de Direito Processual. Ele é irmão do também nosso colega **PEDRO HIDEO KOMATSU (59/60)**.



·Faleceu no dia 15 de abril de 2012, aos 56 anos de idade, nosso colega **MANOEL MESSIAS DE SOUZA (71/72)**. Ele é irmão do também nosso colega **José Maria Assunção de Souza-Batatinha (70/72)**. Ele estudou em São Roque sob a reitoria do saudoso Padre Elidio. Deixou esposa e 3 filhos.

·Faleceu em 2011, Pe. Pedro Eduardo Peynau Batistella, que foi nosso professor na década de 50.

Aos familiares as condolências de todos os amigos do Ibaté.

CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS

De **Pe. Aurélio Vieira de Moraes (49/54) - AOS AMIGOS IBATEANOS**. Desejo agradecer a todos os ibateanos, que, por ocasião do meu Jubileu de Ouro Sacerdotal e aniversário natalício, expressaram a amizade e a união fraterna, sobretudo orando e marcando presença na missa que foi celebrada em Cotia.

Foi um momento de emoção o hino em louvor a Nossa Senhora - o Sub tuum praesidium - em latim, recordando os tempos de Seminário.

Por tudo isso, quero dizer o meu "muito obrigado", e que o Imaculado Coração de Maria alcance de seu divino Filho mil graças para todos. Cotia-SP 02.04.2012 moraes aurelio@ig.com.br

De **Paulo Francisco Toschi (49/53)** - Que pena a morte do **ROQUE KOMATSU**, um grande amigo de todos nós, principalmente das turmas dos primeiros anos de Ibaté. Não me lembro de nenhuma ocasião em que ele não estivesse sorrindo, feliz por encontrar os antigos companheiros. Pena não termos sido avisados. Merecia as nossas homenagens. Além de um inesquecível colega, ele foi, também, um excelente jurista, como advogado, como professor e como juiz. Sentirei muito a sua falta. Oremos por ele. São Paulo-SP 03.04.2012 paulo.toschi@uol.com.br

Nota da redação: na missa de 30º dia, companheiros do Roque no Ibaté estiveram presentes, representando a nossa Turma (Joaquim Barbosa, Attilio Brunacci, Anibal Poty, Francisco Fierro e Paulo Toschi)

De **Irmão Bernardo-Fradão (60/63)** - Obrigado pela lembrança, retribuo com minhas orações, tenham a certeza, que cada dia estão presentes no meu coração durante a celebração da Santa Missa, "tu te tornas eternamente responsável por aqueles que cativas", somos responsáveis uns pelos outros, os laços que nos unem são espirituais, por isso indestrutíveis, graças a Deus e a tudo o que nos tem sido concedido por Ele. Abraço, carinho, orações e bênção, com a Paz, o Amor de Jesus e a Alegria de Maria! São Paulo-SP 10.04.2012

ir.bernardo@mosteirodaesperanca.com.br

De **Letterio Santoro (55/59)** - Mando meu fraternal abraço ao acadêmico Alfredo Barbieri pelos oitenta anos bem vividos. Ele para mim é o irmão mais velho de nossa família ibateana, sempre alegre, sempre participativo, sempre fiel, sempre em êxtase diante da vida. A imagem perfeita do intelectual realizado. Um belo exemplo para nossa comunidade. Aquele que vive os valores eternos aprendidos em São Roque. Ad multos annos, companheiro! Deus abençoe você e sua família, e o mantenha sempre conosco. Amém. Garça-SP 19.04.2012 letterios@hotmail.com

De **Alfredo Barbieri (49/53)** - Wilson, foi com grande alegria que recebi a manifestação carinhosa dos amigos da grande Família do Ibaté, no jantar de sexta-feira, com direito a discurso do caríssimo Fierro, o Va Pensiero, o Tim-Tim Quero regidos pelo Isaias e a homenagem do Baroni, sem contar com o tradicional bolo, encimado por aquele 80 em fogo. Agradeço a presença dos colegas, que representaram toda a nossa turma: Fierro, Atillio, Mosca, Orzari, Perereca, Joel, Barelli, Gilberto, Wolf, Cosso, Isaias, Paulo Oliveira, Antonio Paulo, Antonio, Isidoro, Joaquim Barbosa, Wilson Cruz e Clovis Baroni, sem contar a presença das esposas dos nossos colegas que deram um toque feliz a comemoração. Um beijo ao meu Anjo da Guarda, minha querida filha Alessandra. Uno-me a todos vocês para agradecer a Deus o dom da vida. Um abraço aos que se manifestaram por e-mail e telefonemas. É bom tê-los como amigo. Taubaté-SP 19.04.2012 alfredo_barbieri@hotmail.com

PARA-CHOQUE DO CAMINHÃO DO IBATÉ

**CANA NA FAZENDA DÁ PINGA;
PINGA NA CIDADE DÁ CANA.**



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

Photantiqua

Fotos cedidas pelo Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo e apresentam fases da construção do Seminário de São Roque e são datadas no ano de 1943.



Foto 01 (da esquerda para a direita) - Cônego João Pavésio, Dr. Durval Ribeiro (engenheiro que construiu o Seminário-pai dos nossos colegas José Luiz Ribeiro e Carlos Mariano, que posteriormente estudaram no Ibaté), "chofeur" e grupo de trabalhadores e por último José Villac, que era um dos diretores da empresa Isnard e Presidente da Federação das Congregações Marianas do Estado de São Paulo.



Foto 02 (da esquerda para a direita) - Dr. Durval Ribeiro, Mons. Manuel da Cunha Cintra, reitor do Seminário Central do Ipiranga, Cônego João Pavésio, Dom José Gaspar, arcebispo de São Paulo e Cônego Henrique Van Kasteren, reitor do Seminário de Pirapora.



Foto 03 - esqueleto do Seminário em 1943

PARÓQUIA DAS TROVAS

TEMA: ECOLOGIA

Preservar em tudo a terra
é pra mim ecologia:
toda a vida que ela encerra,
água, ar e a mataria.

Antonio Jurandy Amadi (51/57)

Como é bela a natureza
que nos enche de alegria;
preservá-la, com certeza,
é função da Ecologia.

Joel Hireinaldo Barbieri (51/58)



Envie-nos você também a sua trova
Tema para o próximo
ECHUS: ELEIÇÃO

Por falar em ecologia
é nosso dever mostrar
mais ação, menos teoria
Para a Terra preservar.

Alfredo Barbieri (49/53)

Se da terra Deus é guia,
dela cuida e a deixa em paz,
professor de ecologia,
Ele é sábio no que faz!

Antonio Jurandy Amadi (51/57)

CASOS EDIFICANTES



José Lui*

O SECADOR DE CABELOS

Uma senhora muito distinta estava em um avião vindo da Suíça. Vendo que estava sentada ao lado de um padre simpático, perguntou:

·Desculpe-me, padre, posso lhe pedir um favor?
·Claro, minha filha, o que posso fazer por você?
·É que eu comprei um novo secador de cabelo sofisticado, muito caro e realmente ultrapassei os limites da declaração e estou preocupada com a Alfândega. Será que o Senhor poderia levá-lo debaixo de sua batina?

·Claro que posso, minha filha, mas você deve saber que eu não posso mentir!
·O Senhor tem um rosto tão honesto, Padre, que estou certa que eles não lhe farão nenhuma pergunta. E lhe deu o secador.

O avião chegou a seu destino. Quando o padre se apresentou à Alfândega, perguntaram-lhe:

·Padre, o senhor tem algo a declarar?

O padre prontamente respondeu:

Do alto da minha cabeça até a faixa na minha cintura, não tenho nada a declarar, meu filho.

Achando a resposta estranha, o fiscal da Alfândega perguntou:

·E da cintura para baixo, o que o Senhor tem?

·Eu tenho um equipamento maravilhoso, destinado ao uso doméstico, em especial para as mulheres, mas que nunca foi usado.

José Lui, 75 (49/56)- Filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978. rubrolui@hotmail.com

Caindo na risada, o fiscal exclamou:

·Pode passar, Padre! O próximo...

A inteligência faz a diferença. Não é necessário mentir, basta escolher as palavras certas.

PAPAGAIO EDUCADO

Uma senhora encontra o vigário:

-Ai padre, estou desesperada. Não sei o que fazer.

-Mas porque está tão aflita?

-Me deram de presente um papagaio muito falante.

-Mas isso é muito bonito. Eu também tenho um.

-O problema é que todas as vezes que passo perto dele ele diz "Morra, velha feia". Não aguento mais.

-Se acalme, respondeu o padre. Vou emprestar o meu papagaio que é bom e educado, verá que em uma semana o seu se tornará um anjo.

A mulher leva o papagaio e depois de uma semana volta mais desesperada.

-Então, minha senhora, o que aconteceu ao seu papagaio?

-Nada, é tudo como antes. É só passar na frente dele me diz "Morra, velha feia".

-E o meu o que diz?

-Escuta-me, oh! Senhor!

FLUXO FINANCEIRO

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 21.05.2012	
POSIÇÃO EM 25.03.2012	23.349,25
ENTRADAS	
Contribuições e doações	310,00
Venda DVDs	100,00
Juros	241,79
TOTAL ENTRADAS	651,79
SAÍDAS	
Postagem Echus 119	1.003,15
Impressão Echus 119	950,00
Kalunga nf 80889-envelopes	29,90
Reemb.despesas com CDs	15,50
Despesas Bancárias	26,80
TOTAL SAÍDAS	2.025,35
SALDO ATUAL 21.05.2012	21.975,69
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 24.03.2012 a 21.05.2012, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Celso Bissoli, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva e Vicente de Paulo Moraes. Informamos que existem depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação por email ou correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté - São Roque - SP - Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Jurandy Amadi, Euclides Albino dos Santos, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Wolf, Letterio Santoro, Nazareth dos Reis e Paulo Oliveira Leite Gonçalves.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, Caixa Postal 71.509, Cep 05020-970, S.Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

E-mail: echus@zipmail.com.br

Blog do Ibaté: www.imate-sp.blogspot.com

E-mail do Blog do Ibaté: imate.sp@gmail.com

"Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br

Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br

Twitter Amigos do Ibaté: http://twitter.com/echusdoibate

Comunidade no ORKUT: EX-ALUNOS SEMINÁRIO DO IBATÉ

(www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?Cmm-723696)

Comunidade IBATEANOS no Facebook

Tiragem: 1.000 exemplares.

Diagramação/Impressão:

Conexão Propaganda - (11) 3903.9697



conexão
propaganda